

## ATORES, DIRETORES E AUTORIDADES CELEBRAM AS INDICAÇÕES QUE **AINDA ESTOU AQUI** RECEBEU PARA O OSCAR COMO UM MOMENTO DE VIRADA DO CINEMA BRASILEIRO



Divulgação

### um filme ESSENCIAL

Há muito contexto envolvido, político e familiar, e as peças do filme *Ainda estou aqui* têm coordenação bem encadeada num roteiro que condensa dados sem didatismo da trajetória do ex-parlamentar Rubens Paiva, dado como "sumido" no auge da ditadura.

A sensibilidade interna do personagem de Fernanda Torres, que enterra a dor para dar espaço de vida para os filhos. Atenta e afetuosa, ela zela por aplicar a cordialidade, mesmo com a percepção dos riscos iminentes.

O alerta de para onde um mundo que assimile e encoraje ditaduras pode se encaminhar. Rubens Paiva é encaminhado para a morte por ser "ligado aos comunistas", numa ação do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações — Centro de Operações de Defesa).

Nem tudo é dureza: um berço de felicidade e empatia é apresentado na tela. Há arejamento: com animadas idas à praia e muita integração entre os familiares de Paiva, rodeados de amigos e de livros.

O drama não é rasgado, tudo vem engasgado: em cena, Fernanda Torres, com um olhar afetuoso, vasculha e tem a grandeza de compactuar com a felicidade alheia.

Selton Mello, em cena, doce e generoso, interpreta Rubens Paiva como uma ausência a ser sentida.

Não existe embate, nítido e panfletário, entre bem e mal.

Há denúncia visual, nunca apelativa, do aprisionamento de Eunice Paiva, um dado nem sempre lembrado pelas pessoas.

Prepondera o registro da barbárie, que vem à tona, com registros de prisão e certidão de óbito. O filme formaliza a organização das memórias de uma família que é estendida para a sociedade.

Fernanda Montenegro se confirma gigante, num papel introspectivo e crível. (RD)

#### Indicações de *Ainda estou aqui* ao Oscar reacendem o otimismo do cinema brasileiro

» ISABELA BERROGAIN

**O** Brasil parou para assistir às indicações de *Ainda estou aqui* na manhã de ontem. Nas redes sociais, o ator Selton Mello, parceiro de cena de Fernanda Torres e coadjuvante do longa, se mostrou emocionado com a conquista. "Fizemos um filme que nasceu vitorioso por motivos variados: por lembrar o que jamais pode ser esquecido, por comover com uma beleza austera, por encher as salas de cinema de novo, por levar nossa sensibilidade para o mundo, por recuperar nossa autoestima cultural, por abrir tantas portas para outros que virão, por restaurar o amor pelo cinema brasileiro, por ter criado algo emocionalmente poderoso, por alcançar o raro equilíbrio entre estética e ética, por ser sublime em sua justa simplicidade", escreveu.

"Nosso país precisava desse

filme. O mundo todo precisava desse filme neste exato momento. Três indicações ao Oscar. Com a de Melhor filme, nós entramos para a história para sempre. *Ainda estou aqui*, encerrou Selton.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva também usou as redes sociais para celebrar a conquista: "A turma de *Ainda estou aqui* já pode pedir música. Três indicações ao Oscar. Melhor filme estrangeiro, Melhor atriz e, olha, Melhor filme. Quanto orgulho! Beijo para Fernanda Torres e Walter Salles".

Ao *Correio*, o cineasta brasileiro René Sampaio, responsável pelo longa *Eduardo e Mônica* (2020), ponderou sobre a relevância das indicações para a cultura nacional. "É muito importante para o momento do cinema brasileiro e para o momento que o Brasil vive. Porque é um tema e uma história infelizmente

atuais. Em um mundo tão difícil que estamos vivendo, um filme que fala sobre pessoas que lutam pela liberdade, democracia e contra a tirania do estado está sendo exaltado. É um filme fundamental", declarou.

"É muito doce ter um longa brasileiro, estrangeiro para eles, indicado também para Melhor filme em um momento em que o mundo inteiro olha para América Latina, para os brasileiros e para a questão dos imigrantes nos Estados Unidos. Esse é um sinal muito importante que a Academia está dando sobre o multiculturalismo, as questões de imigração e de como a indústria cultural abraça pessoas que vêm de qualquer parte do mundo", finalizou o diretor.

Formado em cinema pela Universidade de Brasília (UnB), o cineasta e roteirista José Eduardo Belmonte definiu o Oscar como "uma caixa de ressonância gigante". "É um prêmio

visto mundialmente. Um filme brasileiro falado em português, com uma história muito nossa, coloca em evidência o país, mundialmente. Coloca também o trabalho de muitos artistas brasileiros, não só os que fizeram o filme. Acho que abre um caminho muito importante quando um trabalho de excelência é reconhecido e chama a atenção para a arte brasileira", analisou.

Filha de Fernanda Torres na ficção, Valentina Herszage falou sobre as nomeações. "É uma emoção muito grande, uma sensação que eu nunca senti. É uma celebração, uma conquista enorme para o cinema brasileiro, não só para o cinema, mas para a cultura no geral. Acho que poder levar esse filme para fora, vê-lo ser valorizado e fazer sentido para as pessoas é muito grande. É uma sensação de festa, de orgulho e felicidade e de saudade também desse set e desse processo", comemorou Valentina.

### ANÁLISES

## Hora de capitalizar e de formatar pontes

» RICARDO DAEHN

Pela primeira vez, o Brasil chega à categoria de melhor filme, com outros nove títulos concorrentes. A sonoridade do português estará na festa do Oscar, numa voz que ecoa para o futuro — projetando a consolidação de uma indústria com potencial para firmar pontes de coprodução e reacender a vocação dos bens culturais como produtos lucrativos.

Com a indicação ao Oscar, longe de modismo, o país maximiza a chancela uma cinematografia que vem conquistando o público brasileiro, como no caso de *Tropa de elite*, *Cidade de Deus* e *Carandiru*. Agora, o desafio é conquistar o mercado externo, credenciado pelas indicações de *Ainda estou aqui*. Num medida prática, o filme de Walter Salles pretende avançar para circuito superior a 500 salas, nos Estados Unidos, valorizando o momento em que o

filme está em alta. A estratégia é otimizar a vitrine privilegiada de uma arrancada inicial com rendimento US\$ 126 mil para mirradas cinco salas estrangeiras, que já é uma vitória.

Diretor de *Dona Flor* e seus dois maridos (que granjeou quase 11 milhões de espectadores), Bruno Barreto, antigo indicado do Oscar, é claro, numa consulta do *Correio*, sobre a propriedade junto ao público: "Talento é importante e sempre ajuda". Mas o diretor destaca a necessidade de disciplina e método para focalizar um público, em geral, atraído pela autenticidade nos conteúdos dos filmes. Claro, junto com isso, é vital o incremento da estrutura que propague o cinema nacional, com injeção de políticas públicas, busca de parcerias internacionais e garantia maior circulação dos filmes no exterior. Nisso vem a chance de dar real acabamento no empacotamento dos filmes que levem o rótulo "made in Brazil".

## O poder está no engajamento

» PEDRO IBARRA

O mundo efetivamente mudou. Os clicks, as visualizações e os acessos ganharam muita importância e ninguém mais finge que não. O fato afeta a vida desde a influência digital até as grandes instituições. O Oscar não ficou de fora. Com problemas de audiência, o prêmio estava em busca de algo que alavancasse a palavra da Academia e achou o Brasil.

Além de um grande filme, *Ainda estou aqui* é um fenômeno nas redes sociais. O brasileiro é muito ativo na internet e por isso o filme rende engajamento de qualquer forma, em qualquer língua e para qualquer entidade. Foi durante a campanha para o Oscar que

o site do veículo internacional *Variety* chegou a falar até das novelas brasileiras para render com os usuários das redes nacionais e o jornal francês *Le Monde* sofreu duras críticas após um jornalista falar mal do longa de Fernanda Torres.

A chave do sucesso está na qualidade, mas o caminho está no engajamento. O Brasil é uma máquina de carisma e *Ainda estou aqui* é um representante da memória de um país que quer ser visto pelo mundo. O filme tem seus méritos técnicos, por óbvio, mas serão 200 milhões de pessoas em busca desta estatuetta em uma campanha incessante. O Brasil pode não ter a língua, ou mais indicações, mas com certeza tem o povo.

DIVULGAÇÃO

#### JOSÉ EDUARDO BELMONTE, diretor

O Oscar é uma caixa de ressonância gigante, é visto mundialmente. Um filme brasileiro falado em português com uma história muito nossa coloca muito em evidência o país, mundialmente. Coloca o trabalho de muitos artistas brasileiros, não só os que fizeram o filme, acho que abre um caminho muito importante quando um trabalho de excelência é reconhecido chama a atenção para a arte brasileira. Além disso, resgatar essa biografia fundamental e tratar de um tema que a gente tem que falar mais é muito importante, entender esse período e mostrar para um grande público. Esse prêmio faz com que tudo seja visto, no mundo e no Brasil.



Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press - 2/7/18

#### RENÉ SAMPAIO, diretor

"É um dia muito importante para o cinema brasileiro e para o Brasil, está todo mundo muito orgulhoso desse filme que está representando a gente tão bem. Um filme com três indicações em três categorias. Vou torcer muito para as três. É muito importante para o momento do cinema brasileiro e para o momento que o Brasil vive. Porque é um tema e uma história infelizmente atuais. Em um mundo tão difícil que estamos vivendo, um filme que fala sobre pessoas que lutam pela liberdade, democracia e contra a tirania do estado está sendo exaltado. É um filme fundamental."



#### KLEBER MENDONÇA FILHO, diretor

"Que os sucessos de *Ainda estou aqui* e *Auto da compadecida* 2 fortaleçam o Cinema brasileiro e que ele seja protagonista no país em 2025".



DIVULGAÇÃO

#### VALENTINA HERSZAGE, atriz

"É uma emoção muito grande, uma sensação que eu nunca senti. É uma celebração, uma conquista enorme para o cinema brasileiro, não só para o cinema, mas para a cultura no geral. Acho que poder levar esse filme para fora, ver ele ser valorizado e fazer sentido para as pessoas é muito grande. É uma sensação de festa, de orgulho e felicidade e de saudade também, desse set e desse processo."

